



## REFLEXIONES - ENSAYOS

### MARCAS SIMBÓLICAS DA HISTÓRIA DA ENFERMAGEM: O CASO DA MOEDA BRASILEIRA DE 400 RÉIS (1936)

MARCAS SIMBÓLICAS DE LA HISTORIA DE LA ENFERMERÍA: EL CASO DE LA MONEDA BRASILEÑA DE 400 REALES (1936)

\*Moreira, A., \*\*Porto, F., \*\*\*Oguisso, T. \*\*\*\*De Souza Campos, PF.

\*Enfermeira. Professora Associada da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/UNIRIO.  
\*\*Enfermeiro. Professor Adjunto da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. \*\*\*Enfermeira. Professora Titular da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. \*\*\*\*Historiador. Pesquisador do Grupo de Pesquisa História da Profissão de Enfermagem ENO/EEUSP/CNPq. Bolsista FAPESP. Brasil.

Palavras-chave: História da Enfermagem, numismática, marcas simbólicas da enfermagem.

Palabras clave: Historia de la Enfermería, Numismática, Marcas simbólicas de la Enfermería.

### RESUMO

O artigo analisa a marca simbólica da enfermagem moderna presente na moeda de 400 réis da Série Brasileiros Ilustres cunhada em 1936. Pautados na perspectiva metodológica da microhistória, ou seja, a partir de registros difusos, pouco visíveis, considerados irrelevantes, pretende-se analisar os efeitos simbólicos evidenciados pela imagem da lâmpada grega, símbolo da enfermagem moderna, evidente no anverso da moeda que serviu de fonte principal à investigação. Tem por objetivos descrever, analiticamente, as circunstâncias em que ocorreu a cunhagem da moeda, o significado das marcas simbólicas e discutir o efeito simbólico dessa moeda para a Enfermagem. Os resultados indicaram a relevância dos estudos históricos para orientação profissional do enfermeiro, pois sua efetividade legítima e confere identidade profissional.

### RESUMEN

Marcas simbólicas de la Historia de Enfermería - el caso de la moneda brasileña de 400 *reis* (1936). El artículo analiza la marca simbólica de la moderna enfermería presente en la moneda de 400 *reis* de la Serie Brasileños Distinguidos. Basado en la perspectiva metodológica de la microhistoria, o sea, a partir de los registros difusos, poco visibles, considerados irrelevantes, se pretende analizar los efectos simbólicos evidenciados por el imagen de una lámpara griega, símbolo de la enfermería moderna, presente en el anverso de la moneda que sirvió de fuente principal de la investigación. Tiene por objetivo describir, analíticamente, las circunstancias en que ocurrió la acuñación de la moneda, el significado de las marcas simbólicas y discutir los efectos de esta moneda para la enfermería. Los resultados indicaron la relevancia de los estudios históricos para la educación del enfermero, pues su efectividad legítima y confiere identidad profesional.

## ABSTRACT

Symbolic markers of nursing history: the case of the 400 reales Brazilian coin (1936). This article analyses the modern nursing symbolic marker present on a 400 reales coin within the series Distinguished Brazilians. Based on the methodological perspective of micro history, which is to say from scattered registrations, with little visibility or considered irrelevant, our aim is to analyze the symbolic effects evidenced by the image of a Greek lamp, symbol of modern nursing, present on the reverse side of the coin which has served as the main source of the investigation. Our objective is to analytically describe the circumstances of the minting, the meaning of the symbolic markers, and to discuss the symbolic effect of this coin for nursing. The outcomes have indicated the relevance of historical studies for nurse's education, as its efficiency legitimates and creates a professional identity.

## 1 INTRODUÇÃO

Com a fundação da *École des Annales*, em 1929, a pesquisa histórica teve suas fontes de consulta ampliadas de forma significativa. Em decorrência desse processo, novos historiadores passaram a utilizar registros outrora desprezados, considerados irrelevantes ou cujo interesse restrito não se coadunava com as propostas de uma história generalizante, progressiva, de mão única e vista de cima para baixo. A “revolução da historiografia”, como ficou conhecida a produção decorrente do grupo de historiadores franceses ligados aos *Annales*, permitiu que seus artífices perscrutassem a história a partir de registros diversos, inclusive aqueles menos visíveis, ainda que carregados de memória e significados. A intenção visava reconhecer, para além dos aspectos da cultura material, formas mentais, discursivas ou simbólicas que forjavam a construção do passado <sup>1 e 2</sup>.

A perspectiva apontada fundamenta o presente estudo cujo interesse visa atingir a reflexão em torno das representações da Enfermagem brasileira a partir das marcas simbólicas encontradas em uma moeda da Série Brasileiros Ilustres. A série, cunhada entre 1935 a 1939, trazia no reverso as efígies de Almirante Tamandaré, Barão de Mauá, Carlos Gomes, Oswaldo Cruz e Santos Dumont. No anverso, cada moeda estampava elementos-símbolo de atuação de cada personalidade no âmbito da sociedade brasileira, bem como o valor monetário representado. O conjunto de moedas alusivas à série torna-se particularmente interessante para a história da enfermagem na medida em que uma delas retrata, no reverso da peça, a imagem de Oswaldo Cruz e no anverso, a imagem da lâmpada grega, símbolo da enfermagem moderna que remonta, como será analisado, a atuação de Florence Nightingale (1820/1910) na Guerra da Criméia (1853/1856), marco decisivo à formação profissional da Enfermagem no Brasil e no mundo <sup>3 e 4</sup>.

Produzida pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro, durante o padrão monetário vigente em que a moedagem se chamava mil-réis (nomenclatura que perdurou desde a colonização até 1942, quando passou a se chamar cruzeiro), a moeda de 400 réis da Série Brasileiros Ilustres permite o debate proposto por conferir visibilidade à enfermagem em um momento específico, qual seja, a institucionalização das ciências aplicadas no Brasil. Intrinsecamente ligado à Reforma Sanitária e à criação, em 1920, do Departamento Nacional de Saúde Pública dirigido por Carlos Chagas, a oficialização da enfermagem nacional pode ser considerada um dos resultados desse processo, efetivado por intermédio de convênios estabelecidos entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos da América, cujo principal personagem foi Carlos Chagas.

Todavia, é a efetivação das propostas decorrentes do que se convencionou chamar de Reforma Sanitária que possibilitou a criação de espaços oficiais de formação profissional da enfermagem brasileira, ainda que mobilizações em torno da formação e orientação

profissional da assistência de enfermagem já fosse executado em território nacional com a formação de socorristas, samaritanas, visitadoras, educadoras sanitárias e mesmo enfermeiros<sup>4</sup>. Tais considerações instigaram a investigação com base nas seguintes problemáticas: qual a relação existente entre a cunhagem da efígie do médico Oswaldo Cruz em uma moeda em que se vê cunhada uma lâmpada grega no anverso? Em que medida estaria a representação simbólica da enfermagem moderna relacionada à figura pública de Oswaldo Cruz e não Carlos Chagas, personagem que oficializou a profissão no Brasil? Que sentidos estariam presentes em tal associação?

Diante do exposto, os objetivos desta investigação procuraram descrever, analiticamente, as circunstâncias em que ocorreu a cunhagem da moeda que pertence à Série Brasileiros Ilustres, o significado das marcas simbólicas na moeda de valor de 400 réis, bem como discutir o efeito simbólico da moeda para a enfermagem. O estudo entende que a relevância do debate é dada pela evidencia simbólica da enfermagem cunhada na moeda. Assumida como fonte de pesquisa, a análise da moeda de 1936 pretende contribuir para o preenchimento de lacunas existentes na história da enfermagem brasileira, ampliando, assim, a compreensão da trajetória histórica que a legitima e lhe confere identidade.

## **2 CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO**

Para responder às indagações que formalizaram a reflexão em pauta, foi feita uma pequena incursão na seara da numismática<sup>a</sup> para colher dela alguns ensinamentos que ajudassem a compreender os motivos pelos quais uma lâmpada, considerada o símbolo da enfermagem, foi escolhida para figurar ao lado de um médico e cientista para compor uma moeda que durante dezesseis anos, de 1936 a 1942, circulou de mão em mão entre os brasileiros<sup>b</sup>.

De acordo com produção bibliográfica a respeito do tema, é possível afirmar que na Antiguidade clássica romana, por exemplo, todos os governantes se viram retratados em moedas, o que passou a ser um símbolo de soberania. As figuras religiosas das moedas anteriores foram preteridas, dando lugar às imagens de imperadores e de grandes guerreiros. Sob um caráter alegórico, todos eles passavam a ser divinizados, numa imitação das figuras religiosas. Do mesmo modo, era comum que moedas representassem monumentos arquitetônicos, sobretudo quando mandados erigir pelo imperador de modo que sua figura fosse de tal forma, imortalizada.

No tempo do Brasil colonial, circulavam na Colônia as moedas cunhadas em Portugal, a Metrópole. Entretanto, a primeira cunhagem em solo brasileiro não foi realizada pelos portugueses, e sim, por holandeses que invadiram o nordeste do Brasil e cunharam uma série de moedas em ouro, com as datas de 1645 e 1646. Após a expulsão dos holandeses, a falta de moeda persistia e o Governo Português se viu obrigado a criar a primeira Casa da Moeda na Bahia, no ano de 1694, transferida para o Rio de Janeiro em 1698. Em seguida foram criadas diversas outras casas para cunharem moedas até que, em 1832, a cunhagem se estabeleceu definitivamente na Casa da Moeda do Rio de Janeiro, capital do Império, e foram extintas as que funcionavam nas províncias, período em que as moedas da Série Brasileiros Ilustres entraram em circulação<sup>5</sup>.



**Figura 1- Moeda de 1936: Moeda de 400 réis cunhada pela Casa da Moeda do Brasil para a Série Brasileiros Ilustres e que apresenta, no anverso, a marca simbólica da Enfermagem: a lâmpada grega.**

A estratégia de análise utilizou uma matriz da moeda como fonte principal da investigação realizada. A moeda, cujo anverso continha as inscrições em relevo: Brasil, 400 réis, 1936 e o símbolo da lâmpada grega com chama acesa e, no reverso, o nome Oswaldo Cruz e a imagem desse brasileiro. Em ambas as faces a moeda apresenta bordas em relevo, serrilhadas. Não se trata de moeda rara, dada a quantidade ainda existente nas mãos de colecionadores, e o seu estado de conservação é considerado bom.

Os dados de descrição da moeda foram articulados e analisados à luz do sociólogo Pierre Bourdieu<sup>6</sup>, por meio dos conceitos de poder simbólico e representação objetual. O autor parte do princípio de que as determinações ou conhecimentos adquiridos ao longo do processo de formação de uma pessoa ou de uma coletividade (que envolve instituições e agentes sociais como família, escola, mídia), resultam da percepção de ações realizadas em condições distintas e que são assumidas como verdade pela maioria, tornando-se, desse modo, pensamento dominante. Para o autor, os processos de apropriação do que foi constituído como verdade e os efeitos sociais dos condicionamentos adquiridos contribuem para a fabricação e manutenção do poder simbólico ou da representação objetual desse poder, pois se trata, por assim dizer, da legitimação da percepção dominante e da aceitação dos significados impostos. O que interessa à análise é observar as permanências e vicissitudes desses elementos (poder simbólico, representação objetual) na construção da História, campo por excelência de disputas e dominações.

Característico de estudos do tipo histórico-social, a análise articulou diferentes fontes de pesquisa como as oriundas da numismática, em específico a moeda cunhada em 1936, documentos escritos e fotográficos, bem como a literatura pertinente à História do Brasil, História das Moedas Brasileiras e História da Enfermagem. Para tanto, foram consultadas bases documentais preservadas na Biblioteca Nacional, Biblioteca da Escola de Enfermagem Anna Nery, Centro Documental da Escola de Enfermagem Anna Nery, Arquivo Setorial Enfermeira Maria de Castro Pamphiro, da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, estes localizados na cidade do Rio de Janeiro, e Núcleo de Documentação e Memória do Centro Histórico-Cultural da Enfermagem Ibero-Americana da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

### 3 AS MOEDAS DA SÉRIE BRASILEIROS ILUSTRES NO CONTEXTO SÓCIO-POLÍTICO-ECONÔMICO

A década de 1930 teve seu início marcado pela crise econômica mundial, devido a quebra do mercado de ações de Nova York (1929) com paralisação das atividades produtivas e desemprego. No Brasil, a crise financeira americana desvelou uma conjuntura econômica adversa, ao agravar a já delicada situação por que passava o setor cafeeiro, o que afetou diretamente a exportação do produto. Em 1929, o valor da exportação de 95 milhões de libras esterlinas foi reduzido para 65 milhões em 1930, e a reserva em ouro e divisas de 31 milhões de libras esterlinas deixaram de existir em 1931<sup>7</sup>.

Destaque-se que, nessa década, a unidade representativa de valor vigente no país eram os réis. Esta unidade foi criada na base centesimal, com o significado de MIL réis a unidade monetária e réis os valores divisionários. O período de vigência foi desde o início da colonização, começo do século XVI até 30 de outubro de 1942. Sua instituição se deu pela Lei n. 59, assinada no 2º Império, pela Regência Trina, durante a menoridade de D. Pedro II, sendo a mais importante, por ter reorganizado, sob vários aspectos, o Sistema Monetário Brasileiro. O símbolo monetário foi o cifrão (\$) e como exemplos para leituras dos valores à época, temos: 0\$500 = quinhentos réis; 12\$100 = doze mil e cem réis; 1:000\$000 = um conto de réis (um milhão de réis); 1.020.100:120\$230 = um bilhão, vinte milhões, cem mil contos, cento e vinte mil e duzentos e trinta réis<sup>8</sup>.

No ano de 1930, ocorreu a Revolução que levou Getúlio Vargas ao poder – decorrente do desentendimento das elites oligárquicas que comandavam a política do "café com leite", somado ao descontentamento dos jovens oficiais que representavam os anseios da classe média – provocando um clima de instabilidade política, propício à condução do país a um estado de força. Neste sentido, o novo governante assumiu o poder, provisoriamente até que se procedesse à eleição de novo Presidente, mas ele acabou por dissolver o Congresso, prometendo nova Constituição. As eleições foram sendo proteladas e a falta de coesão entre os vitoriosos culminou na Revolução Constitucionalista de São Paulo, de 1932<sup>7</sup>.

O Estado passou a interferir fortemente na economia, controlando o câmbio, selecionando importações e, sobretudo, intervindo no comércio do café pela queima de estoques, destruição de plantações e incentivo a novos plantios. Entre 1930 e 1933, o Tesouro Público adquiriu mais de 49 milhões de sacas de café, das quais foram queimadas mais de 23 milhões<sup>8</sup>.

Os ideais constitucionalistas concretizaram-se em 1934, quando Getúlio finalmente promulgou a nova Carta, mas o Congresso o escolheu novamente para ocupar a Presidência, no quadriênio 1934-1938. Antes de terminar seu mandato, no entanto, em 1937, o Presidente fechou outra vez o Congresso e implantou no país um regime autoritário, batizado de Estado Novo, dentro dos figurinos ditatoriais que surgiam na Europa. Governando por meio de decretos-leis que abarcavam as atribuições dos três poderes, o Estado Novo, que se prolongou até 1945, articulou uma legislação trabalhista de grande alcance social e criou grandes empresas estatais geradoras de bens necessários à produção industrial<sup>8</sup>.

Em 1935, a Casa da Moeda começou a cunhar novos tipos de valores de 500, 1000 e 2000 mil réis. As moedas tinham imagens de brasileiros ilustres. A moeda de 500 réis tinha a efígie de Antônio Diogo Feijó (1784-1843), regente do Brasil, de 1835 a 1837; a moeda de 1000 réis, a de Padre José de Anchieta (1534-1597), missionário, e a moeda, de prata, no

valor de 2000 réis do Marechal Luiz Alves de Lima, Duque de Caxias (1803-1880), comandante das tropas do Imperador do Brasil<sup>9</sup>.

Na Casa da Moeda do Rio de Janeiro foram cunhadas em 1703 as primeiras moedas para uso no Reino Unido, portanto válidas também em Portugal.

A partir de 1936 a Casa de Moeda começou cunhar uma série completa com Brasileiros Ilustres, que foram: Almirante Tamandaré (1808-1897), fundador da Força Naval Brasileira e patrono da Marinha no valor de 100 réis; Barão de Mauá (1803-1889) engenheiro e construtor da primeira estrada de ferro Rio de Janeiro – Queimados, com valor de 200 réis; Carlos Gomes (1836-1896), compositor, representando o valor de 300 réis; Oswaldo Cruz (1872-1917), médico e micro-biologista de 400 réis; e, Santos Dumont (1873-1932) o pai da aviação, com valor de 5000 réis<sup>10</sup>.

#### **4 - AS MARCAS SIMBÓLICAS NA MOEDA BRASILEIRA DE 400 REIS**

As moedas cunhadas na série Brasileiros Ilustres, de 1936, homenagearam cinco personalidades. À cada moeda foi atribuído um valor monetário tendo no anverso um elemento simbólico que caracterizava a atuação do homenageado e o ano da cunhagem. Entre os Brasileiros Ilustres figurou Oswaldo Cruz.

Esse brasileiro nasceu em São Luís do Paraitinga (SP), a 5 de agosto de 1872, e faleceu em Petrópolis (RJ), em 5 de fevereiro de 1917. Doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1892), estagiou, em Paris, no Instituto Pasteur (1896), retornando ao Brasil em 1899, quando combateu os surtos de peste bubônica em Santos (SP) entre outras cidades. Após três anos assumiu a chefia do Instituto Soroterápico, atual Instituto Oswaldo Cruz e, em 1903, foi nomeado Diretor-Geral de Saúde Pública, com o objetivo de combater a febre amarela que acometia os cidadãos do Rio de Janeiro. Ademais, em 1907, representou o país no XIV Congresso Internacional de Higiene e Demografia de Berlim, foi eleito no mesmo ano membro da Academia Nacional de Medicina; em 1908 foi o primeiro presidente da Sociedade da Cruz Vermelha no Rio de Janeiro; em 1912 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras e; no ano de 1916 foi nomeado prefeito da cidade de Petrópolis (RJ). Oswaldo Cruz deixou cinquenta títulos entre memórias, relatórios e teses. Enfim, esse brasileiro ilustre, médico e sanitariano, foi também fundador da medicina experimental no país e incentivou diversos hábitos de higiene e noções relacionadas às idéias de higiene e saúde pública incorporadas à vida urbana brasileira<sup>7 e 11</sup>.

Diante dos feitos realizados por Oswaldo Cruz, sua efígie foi cunhada no reverso da moeda de 400 réis, podendo ser entendido como umas das formas de expressão do poder simbólico. Bourdieu afirma que, não há poder simbólico sem uma simbologia do poder, visando produzir e impor a representação de sua própria importância como estratégia para assegurar credibilidade<sup>12</sup>. Logo, com base na numismática, é possível afirmar que a moeda de 1936 traz como elemento-símbolo de maior representatividade a lâmpada, símbolo da enfermagem moderna, já que esta é retratada no anverso da moeda, onde figura o valor monetário da mesma.

O Brasil já produziu vários cientistas e pesquisadores na área da saúde e medicina, tais como Adolfo Lutz, Oswaldo Cruz, Emilio Ribas, Carlos Chagas e Euryclides de Jesus Zerbini. Todos mereceriam ter sua imagem perpetuada em moedas brasileiras. Mas, só Oswaldo Cruz foi lembrado numa peça numismática em reconhecimento a seus trabalhos. A homenagem a este brasileiro, no governo de Vargas, representou a credibilidade pelos seus feitos no sentido de fazer ver e fazer crer na saúde pública brasileira, proporcionando-lhe

autoridade no campo da saúde. Esta autoridade pode ser explicada nas palavras de Bourdieu como o porta-voz da saúde brasileira<sup>12</sup>.

A lâmpada no anverso da moeda foi uma representação objetual utilizada pela enfermagem moderna implantada no país em 1922, por meio da criação da Escola do Departamento Nacional de Saúde Pública, atual Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ, e que também serviu como elemento de prática primordial para o avanço da Reforma Sanitária liderada por Carlos Chagas.

Esta representação objetual é uma das maneiras de não se fazer esquecer, o que vale dizer, em atos de percepção e de apreciação, pelo conhecimento e reconhecimento, que os agentes investem em seus interesses para determinar a manipulação simbólica de alguma representação mental<sup>2</sup>. Neste sentido, a lâmpada cunhada na moeda, na ótica de Coelho<sup>13</sup>, é do tipo grega, pois a lâmpada usada por Florence Nightingale – precursora da enfermagem moderna – era do tipo turca<sup>4</sup>, contudo, os efeitos de poder que a marca simbólica da lâmpada grega exerce sobre a representação da enfermagem transformou o símbolo em um correlato de verdade oficialmente aceito, ainda que não existisse de fato.

A lâmpada grega, símbolo da enfermagem moderna, foi apresentada, provavelmente, pela primeira vez em grande estilo à sociedade em 1925. Nesse mesmo ano ocorreu a formatura da primeira turma de enfermeiras, da Escola de Enfermeiras, do Departamento Nacional de Saúde Pública, no Instituto Nacional de Música, quando a lâmpada acesa passou de mão em mão entre as alunas dos anos anteriores até chegar às mãos das formandas da turma “As Pioneiras”<sup>14</sup>.

Esse momento de passagem da lâmpada foi, entre outros, veiculado na imprensa escrita e vem até os dias de hoje, sendo uma representação objetual presente nos ritos da profissão. O significado da lâmpada grega acesa é para se manter viva a memória de Florence Nightingale, fundadora da enfermagem moderna. Florence durante a Guerra da Criméia (1853-1856) percorria corredores de Scutari, visitando os feridos de guerra à noite com uma lâmpada para atender os casos de necessidade, passando a ser conhecida internacionalmente como a Dama da Lâmpada<sup>15</sup>.

A outra face, o reverso da moeda, também permite analisar o poder simbólico que dela emana. Ao articular as marcas simbólicas da moeda de 400 réis, nos causou estranheza encontrar a efígie de Oswaldo Cruz associada à lâmpada, símbolo da enfermagem. A estranheza baseia-se no fato de que o apoio para a implantação da enfermagem moderna no Brasil foi de Carlos Chagas, na época Diretor do Serviço Nacional de Saúde Pública, e não de Oswaldo Cruz. Embora ambos se conhecessem e fossem amigos, foi Chagas quem teve presença marcante em diversos ritos da enfermagem, inclusive com um busto em sua homenagem na Escola de Enfermagem Anna Nery, da UFRJ.

Neste sentido, pode-se inferir que, apesar, do reconhecimento de Carlos Chagas no campo da saúde pela liderança na Reforma Sanitária, a tradição ligada às raízes da saúde pública no Brasil deu maior destaque a Oswaldo Cruz. Outra inferência é que, a homenagem foi prestada a brasileiros ilustres, *in memoriam*, que estavam cronologicamente mais distantes dos feitos considerados “heróicos”. Nesse caso, a homenagem foi prestada a Oswaldo Cruz, falecido em 1917, já que à época Carlos Chagas, apesar de seu falecimento em 1934, sua memória continuava ainda muito viva.

Quanto à representação objetual da lâmpada é oportuno lembrar que, anteriormente à implantação da enfermagem moderna, o conteúdo das matérias específicas oferecidas, nos cursos de enfermagem, tinha por base o conhecimento e a prática da higiene. Entre esses

cursos podem ser citados o da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, da Assistência a Alienados (1890), a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (1916) e a Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, como seção feminina da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras da Assistência a Alienados (1921) que já incluíam em seus ensinamentos o conteúdo de higiene, com a matéria de “Noções gerais de higiene (moral, individual e hospitalar)”, ensinada às alunas de enfermagem na Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto <sup>16</sup>, atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto.

Ademais, no início da Reforma Sanitária, foram criados serviços para combater a tuberculose no Distrito Federal por meio da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública e o Serviço de Enfermagem deste Departamento, ambos dirigidos por enfermeiras americanas enviadas pela Fundação Rockefeller <sup>17</sup>. A repercussão da atuação das enfermeiras americanas mereceu divulgação nas páginas da Revista da Semana sob o título “*Uma nobre profissão da mulher*”. Essa matéria jornalística apresentava o trabalho dessas profissionais realizado no campo da saúde pública, no Rio de Janeiro, em três subtítulos, dos quais, o segundo intitulado “*A Era da Higiene*” era apresentado ao leitor quanto à sua importância nas visitas domiciliares, como agentes que ajudavam a reduzir a mortalidade. Além disso, o texto enfatizava que os povos mais cultos se utilizavam deste serviço <sup>18</sup>.

Ante o exposto, pode-se inferir que o(s) criador(es) da moeda tenham associado o símbolo da lâmpada à higiene e à saúde pública, ao articular estrategicamente as raízes da saúde pública àquele tempo ligado ao nome de Oswaldo Cruz. A inferência encontra explicação no pensamento de Bourdieu, quando cita que, a interiorização de um código social, quando profundamente inscrita nos hábitos e memórias – mesmo que inconscientes – são marcas simbólicas difíceis de serem substituídas, sendo necessário um longo tempo para mudanças <sup>19</sup>. Em outras palavras, como Oswaldo Cruz estagiou no Instituto Pasteur, em Paris, seria difícil ter outro nome de relevo na saúde pública com idéias de higiene no país, naquela época.

Cabe destacar que o Instituto Pasteur foi o local de onde partiu a revolução sanitária, após a descoberta de Pasteur (1822-1895), quando valorizou o saber sobre a noção de higiene, assepsia e anti-sepsia, o que não mais permitia qualquer infração ou negligência, fazendo mudar comportamentos, gestos e atitudes naqueles que trabalhavam nos hospitais <sup>4</sup>, como também entre a população que, “bestializada”, segundo terminologia da época, assistia às mudanças, como ocorreu na Revolta da Vacina, em 1904; resultado de uma política de saúde assumida como questão de polícia <sup>20, 21 e 22</sup>.

Desta maneira, ao associar a imagem do médico e sanitarista com o símbolo da enfermagem, apesar da estranheza causada permitiu uma discussão na tentativa de explicar a cunhagem de sua efígie na moeda de 400 réis, mesmo que em detrimento da figura de Carlos Chagas na peça numismática que teve ligação direta com a implantação e consolidação da enfermagem moderna no país.

## **5 - O ANVERSO DA MOEDA: VESTÍGIO DA ENFERMAGEM NA HISTÓRIA DO BRASIL**

Após análise das marcas simbólicas dessa moeda de 400 réis, reproduzida em quase 10 milhões de peças e que circulou por 16 anos nas mãos de brasileiros que possivelmente não teriam compreendido o significado da lâmpada, mas é muito provável que o efeito simbólico tenha proporcionado visibilidade à enfermagem.



Essa visibilidade, mesmo que indiretamente, em virtude da possível ausência de significado do símbolo da lâmpada para a população, marcou a história das moedas comemorativas brasileiras pelo vestígio deixado pela enfermagem.

Considerando a assertiva de Tânia Cristina Franco Santos sobre a assimilação dos discursos dominantes nos ritos institucionais da enfermagem, no caso masculino, como uma das formas de apoio à profissão exercida majoritariamente pelo gênero feminino e associando esta assertiva à efígie de Oswaldo Cruz com a enfermagem na moeda, de fato, parece ter mesmo havido apoio à profissão pela dominação masculina, conforme explica Bourdieu<sup>23</sup>.

A dominação masculina na enfermagem brasileira é encontrada em diversos momentos da história da profissão, principalmente nos ritos institucionais, em solenidades de formatura e até mesmo por ocasião da colocação do busto de Carlos Chagas no internato da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde, divulgado na Revista da Semana (1925)<sup>24</sup>. Mas, cabe destacar que, as enfermeiras neste sentido souberam capitalizar ganhos simbólicos no campo da saúde, conquistando, aos poucos, prestígio e poder no espaço social da profissão<sup>15</sup>.

A conquista de prestígio e poder de se fazer ver e fazer crer foi possível de constatar, através da série de moedas “Brasileiros Ilustres” durante o período presidencial de Getúlio Vargas, considerando que a presente moeda tenha sido recolhida a partir de 1942, quando houve a mudança da unidade representativa do valor monetário para cruzeiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O poder simbólico inerente à representação da lâmpada cunhada em uma moeda de 400 réis no ano de 1936, ainda que aparentemente difuso e perdido na memória histórica, é um exemplo das possibilidades pela pesquisa em história para o reconhecimento do passado. Um dos fundadores da *École des Annales*, Marc Bloch, afirmava que ao historiador caberia recuperar experiências vividas por homens e mulheres desconstruindo o passado. Saber como, quando e porque as coisas aconteceram, assim como os significados desses acontecimentos na vida das pessoas, e como as pessoas atribuíam significados aos acontecimentos que se sucediam era tarefa a ser cumprida pela nova história.

A imagem de uma lâmpada, símbolo da enfermagem moderna, no anverso de uma pequena moeda, carrega uma representação que transcende as dobras do tempo reverberando não uma história longínqua, mas a trajetória de uma prática vivida ininterruptamente por quem se dedica a cuidar do outro em momentos em que a vida parece querer sumir, esvair-se da alma. A história da enfermagem moderna no Brasil vista pelas lentes da microhistória, aqui resgatada pela cunhagem de uma moeda, implicou pensar as origens sociais de um saber nascido da experiência de homens e mulheres interessados na promoção da vida humana.

Passíveis de novas interpretações, o estudo considerou que a história da enfermagem deve constituir base à formação e orientação profissional do Enfermeiro na medida em que seu (re)conhecimento legitima e confere identidade profissional. A História, nesse sentido, é ferramenta essencial para o desenvolvimento de um saber abalizado e a ausência de seus conteúdos na formação profissional impede não somente a legitimação histórica da profissão como interrompe a transformação de práticas que nem sempre podem ser vistas.

## NOTAS:

a - Numismática é definida como uma ciência auxiliar da história que tem como objeto de estudo as moedas e as medalhas.

b - A propósito, naqueles três anos foram emitidas exatamente 9.718.500 moedas, ou sejam, quase dez milhões dessa moeda, em cuproníquel (uma liga de cobre com níquel), pesando 10 g e tinha 28 mm de diâmetro. Quando uma moeda sai de circulação e, portanto, cai em desuso, ela adquire caráter histórico e transforma-se em importante documento histórico, passando a representar, com seus símbolos e personagens, um período, um fato político-social, um evento de grande significado. De certa maneira as moedas são úteis para documentar muitos aspectos da evolução da humanidade, tendo como ponto de partida os gregos, os persas e os romanos.

## REFERENCIAS

- 1 - Burke, P. A Escrita da História. São Paulo (SP): Edunesp; 1999.
- 2 - Bourdieu, P. O Poder Simbólico. Lisboa: Difel; 1989.
- 3 - Kornis, M. A O Brasil dentro do bolso. In: Revista Nossa História. 2005 março: 2 (17): 61-65.
- 4 - Oguisso. T. Trajetória histórica e legal da enfermagem. São Paulo (SP): Manole; 2005.
- 5 - Faria, Emerson Luiz de. As Moedas do Brasil – Segunda República In: Brasil e suas moedas 2006 (Acesso em: 10 jan.). Disponível em: <http://www.nomismatike.hpg.ig.com.br/Brasil/Brasil.html>.
- 6 - Santos, A M , Neves, G. P. , Machado, H F, Gonçalves, W S.. História do Brasil – de terra ignota ao Brasil atual. Rio de Janeiro(RJ): Log On e Multimídia; 2002.
- 7-Banco do Brasil. Moedas Comemorativas. Moeda Vargas. 2006 (Acesso em: 12 dez.). Disponível <http://www.bb.com.br/appbb/portal/hs/moeda/MoedaVargas.jsp>.
- 8-1935 Primeiro ano da série Brasileiros ilustres. 2006 (Acesso em: 12 dez.). Disponível em: <http://home.quicknet.nl/qn/prive/cgj.pannekeet/brasil10.htm>.
- 9 - 1936 - 1938 Série Brasileiros ilustres. 2006 (Acesso em: 12 dez.). Disponível em: <http://home.quicknet.nl/qn/prive/cgj.pannekeet/brasil10.htm>.
- 10 - Cruz Vermelha Brasileira. Histórico da Cruz Vermelha Brasileira (1908-1923). Rio de Janeiro (RJ):1923.
- 11 - BOURDIEU, P. A economia das trocas lingüistas – o que falar quer dizer. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo; 1998.
- 12 - Bourdieu, P. Coisas ditas. São Paulo (SP): Brasiliense; 2004.
- 13 - Coelho, C. P. A Escola de Enfermagem Anna Nery – sua história – nossas memórias. Rio de Janeiro (RJ): Cultura Médica; 1997.
- 14 - Recortes de Jornais. Localização: EEAN. CD. Mód A. cx 07.doc.52 e 53. 1925
- 15 - Porto, F. Ritos e emblemas da enfermagem brasileira: a imprensa ilustrada como veículo de divulgação da imagem da enfermeira (1917-1925) [Relatório Preliminar da tese de doutorado] Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ. Rio de Janeiro (RJ); 2006.
- 16 - BRASIL. Regime Interno, 1921, artigo 3 do capítulo II; e artigo 5 do capítulo III
- 17 - Barreira, I A . A Enfermeira-Ananéri no “País do Futuro”: a aventura da luta contra a tuberculose [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro (RJ); Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ.1992.
- 18 - Revista da Semana. Uma nobre profissão da mulher. In: Revista da Semana. 1923 dezembro 24 (03): 27-8.
- 19 - Bourdieu, P. Darbel, A O amor pela arte – os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo (SP): EDUSP e Zouk; 2003.
- 20 - Svecenko, N. A Revolta da Vacina. Mentres insanas em corpos rebeldes. São Paulo (SP): Scipione; 1993.

- 21 - Chalhoub, S. Cidade Febril. Cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo (SP): Companhia das Letras; 1996.
- 22 - Carvalho, J. M. de. Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo (SP): Companhia das Letras; 1987.
- 23 - Bourdieu, p. A dominação masculina. Rio de Janeiro (RJ). Bertand Brasil; 2003.
- 24 - Revista da Semana. As novas enfermeiras da Saúde Pública. In: Revista da Semana. 1925 junho 26(27): 22-3.

ISSN 1695-6141

© [COPYRIGHT](#) Servicio de Publicaciones - Universidad de Murcia